



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE PEDAGOGIA

FERNANDA MALACARNE

NELCI TEREZINHA MALACARNE

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS:

O QUE DIZ A PRODUÇÃO NACIONAL?

CHAPECÓ, 2016



FERNANDA MALACARNE
NELCI TEREZINHA MALACARNE

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS:
O QUE DIZ A PRODUÇÃO NACIONAL?**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Marocco Maraschim.

CHAPECÓ, 2016

FERNANDA MALACARNE
NELCI TEREZINHA MALACARNE

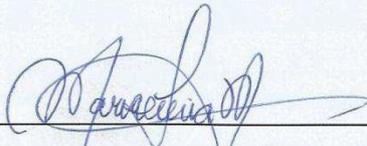
**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: O QUE DIZ A PRODUÇÃO NACIONAL?**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

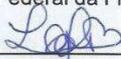
Orientador (a): Prof^a Dr^a Maria Lucia Marocco Maraschin

Aprovado em: 15/10/2016

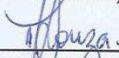
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. MARIA LUCIA MAROCCO MARASCHIN – UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul)



Prof^a. Me. LISAURA MARIA BELTRAME – UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul)



Prof^a. Me. MARCIA DE SOUZA – UNOCHAPECO (Universidade Comunitária Regional de Chapecó)

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE DIZ A PRODUÇÃO NACIONAL?

Fernanda Malacarne¹
Nelci Terezinha Malacarne²
Maria Lucia Marocco Maraschin³

RESUMO

Este estudo do tipo “estado da arte” intencionou buscar e dar visibilidade ao que se produz em cursos de graduação e pós-graduação acerca da arte de contar histórias nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de um exercício de iniciação científica, demandado como TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) do Curso de Pedagogia. O disparador deste estudo foi uma estranha ausência do exercício da contação de histórias, como conteúdo e como estratégia de ensino durante o estágio curricular do Curso de Pedagogia. Além do propósito já citado, foram objetivos deste exercício analisar a produção nacional sobre a arte de contar história nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com a intenção de produzir um quadro analítico, com destaques necessários à formação do professor alfabetizador, além disso, ensejamos identificar as regiões, as instituições e os pesquisadores inquietos ante à temática. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa do tipo “estado do conhecimento” com suporte bibliográfico que, de acordo com Ferreira (2002), contribui no sentido de propiciar a circulação e o intercâmbio do que já foi construído e, desse modo, contribuir com o que está por construir, otimizando a pesquisa nos seus diversos aspectos. Como critérios de busca, definimos previamente as expressões: “a arte de contar história nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, “a contação de história nos Anos Iniciais”. Nossas fontes foram o sítio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior): <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>, e a base eletrônica do IBICT⁴ - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. A presente catalogação deu-se no período de janeiro a abril de 2016 no recorte temporal de 2000 a 2016. Como resultados deste estudo, destacamos a baixa quantidade de contribuições focadas na arte de contar histórias para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. De antemão, ressaltamos tratar-se de uma estratégia/conteúdo pouco estudado e que demanda mobilização dos professores dos Anos Iniciais e dos pesquisadores ante o tema abordado. Muito embora tenhamos situado a fragilidade deste compromisso junto a Programas de Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu, não obstante verificamos a ausência desta possibilidade na sala de aula, sob a alegação de que as crianças não querem mais ouvir histórias.

¹ Acadêmica da 9ª fase do Curso de Licenciatura em Pedagogia - *Campus Chapecó*
E-mail: fernanda040310@gmail.com

² Acadêmica da 5ª fase do Curso de Licenciatura em Pedagogia- *Campus Chapecó*
E-mail: nelci.malacarne@gmail.com

³ Orientadora do estudo, professora da UFFS: Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação.
E-mail: maraschin.marialucia.ml@gmail.com

⁴ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Contudo, o que constatamos por meio dos trabalhos acessados, é que essa alegação trata-se, na verdade, de um despreparo para o exercício de contar histórias. Tal despreparo é entendido como demanda de profissionalização específica, razão com a qual não compactuamos, pois compreendermos a demanda da contação de histórias como conteúdo e como estratégia de ensino e de aprendizagem.

Palavras chave: A Arte de Contar Histórias. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Formação de Professores.

1 INTRODUÇÃO

No decorrer do movimento teórico/prática que constitui/ou o curso de Pedagogia, fez-se o anúncio e observou-se, via incursões, via estágio curricular, a importância da contação de histórias, como conteúdo e como estratégia necessária à constituição do desejo de ler e da dinâmica dos processos de aprendizagem da criança da faixa etária de 6/12 anos. Acreditamos, pois, que a arte de contar história constitui-se numa atividade fundamental na e para a construção de conhecimentos, razão pela qual desejamos saber: o que se diz sobre isso, quais as regiões, instituições e pesquisadores inquietos ante a temática e que perspectivas de formação são anunciadas e ou/ emergem dos estudos localizados?

Com o intuito de responder a esses questionamentos, nosso objetivo geral consiste em analisar a produção nacional sobre a arte de contar história nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o propósito de produzir um quadro analítico com o qual possa vir subsidiar a formação do professor alfabetizador e sua atuação profissional.

Para localizarmos os trabalhos intencionados sobre esse tema, fizemos uma pesquisa levantamento sobre a produção, no sítio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>, e do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), a partir das expressões de busca, definidas: “a arte de contar história nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, “a contação de história nos Anos Iniciais”.

Metodologicamente trata-se de uma pesquisa do tipo “estado da arte e/ou conhecimento” com suporte bibliográfico. Pesquisa essa que, segundo Ferreira

(2002), tem contribuído no sentido de propiciar a circulação e o intercâmbio do que já foi construído e, desse modo, contribuir com o que está por construir, otimizando a pesquisa nos seus diversos aspectos. Em razão disso, ao focar a produção nacional sobre a arte de contar histórias nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, buscamos explicitar as principais características e contribuições dessas produções, quer para as práticas docentes necessárias à alfabetização, quer para a formação e atuação do professor, e ainda para a formação de leitores.

Nosso maior desafio com este estudo na condição de estudantes do curso de Pedagogia, volta-se para a compreensão do processo constitutivo da contação de história como conteúdo e como estratégia de ensino/aprendizagem, destinada a crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, particularmente no que se refere à formação de leitores por meio de processos criadores e criativos.

2 A ARTE⁵ DE CONTAR HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE DIZEM OS AUTORES QUE DELA SE OCUPAM?

A ocupação com a arte de contar histórias, deriva da importância da história/conteúdo/leitura e da estratégia de contar histórias para crianças, para além da Educação Infantil. Dizemos, para além da Educação Infantil, devido à baixa incidência de ocupação com esta especificidade por parte de pesquisadores e programas de formação de professores, a nível de graduação, lato e stricto sensu. Acreditamos pois, que esse ritual, compromisso, exercício de contar histórias, requer do professor mobilização ética, zelo para com a magia e o encantamento, a imaginação criadora e a criatividade de ambos: professor e criança. Nesta perspectiva, buscamos na literatura infantil, alguns indicadores e/ou reflexões que dão guarida à discussão em tela.

Segundo Cadematori (1987), a literatura infantil divide-se em dois momentos: a lendária e a escrita. A lendária surgiu como um exercício de comunicação e transmissão de conhecimentos entre os sujeitos, pois não havia registros escritos. Já a literatura escrita, nasceu no século XVII com a reorganização do ensino e da

⁵ O uso da denominação a arte de contar histórias, e ou contação de histórias, dá-se porque entendemos ser esse exercício de aprendizagem conteúdo e estratégia, um momento ímpar no processo educativo, pela troca relacional que estabelecem: educando e educador, professor e aluno.

fundação do sistema burguês⁶. Constituiu-se numa prática humana de se registrar e relatar as vivências que até então era apenas oral.

A autora citada anteriormente fez uma afirmação, que atualmente é passível de questionamento, dada à conjuntura vigente, vivida no momento em que denominamos Era da Tecnologia e da Informação: Disse em 1987: “[...] até os nossos dias, todos os povos, civilizados ou não, têm usado a história como veículo de verdades externas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas”. Atualmente ousamos problematizar: Será que a história contada, na escola, na família, entre adultos, crianças, entre amigos em processos relacionais, ainda se constitui num dos exercícios de conservação das tradições? Que lugar esse conteúdo e/ou estratégia de ensino formal e informal tem merecido na contemporaneidade, tanto na escola quanto na família? Se os exercícios de contação de histórias foram reduzidos e ou reconfigurados, como se constituem?

Outro aspecto interessante, subjetivamente anunciado pela autora, é que as histórias contadas contribuem num processo de desenvolvimento das relações e das funções mentais superiores, dentre elas, particularmente a memória. Nessa perspectiva, buscamos em Luria (2010, p.23) uma contribuição que advém de um recente paradigma da mente, a psicologia histórica cultural.

A ideia de que os processos mentais dependem das formas ativas de vida num ambiente apropriado, tornou-se um princípio básico da psicologia materialista. Essa psicologia também admite que as ações humanas mudam o ambiente de modo que a vida mental humana é um produto das atividades continuamente renovadas que se manifestam na prática social.

As mudanças nas ações humanas, nas práticas sociais, na organização da sociedade, na dinamização dos processos educativos escolarizados e não escolarizados, a exemplo dos processos de contação de histórias, situam contribuições significativas que advém de diferentes práticas educativas, em diferentes momentos históricos.

De acordo com Zilberman & Lajolo (2005), a contação de história deu-se para que o homem pudesse manter sua história viva, relatando suas experiências. Aos poucos, isso foi merecendo um cuidado pedagógico, que se tornou fundamental

⁶ O sistema burguês aqui é entendido como o reconhecimento da criança que até então era vista como um adulto em miniatura. Foi o momento em que na Europa foram produzidos os primeiros livros com o intuito pedagógico. Esses eram vistos como um instrumento de apoio a educação das crianças.

para o desenvolvimento infantil e para o fortalecimento das relações sociais consequentes.

Para além da perspectiva anunciada Coelho (1995), Moraes (2012), Abromovich (1997), Bamberger (1995) e Oliveira (2008) destacam que contar histórias é um dos principais meios para o desenvolvimento da linguagem e para a formação dos futuros leitores. Reiteram, ainda, que esta prática foi reconhecida e validada também como uma forma de ampliar o vocabulário, trazer lembranças do passado (memória de longo prazo) e tornar as palavras brinquedos e brincadeiras.

Seguramente, acreditamos que a seu modo, a contação de histórias, em suas diferentes estratégias, contribuiu para criar perspectivas de futuro e que, por meio da imaginação e da fantasia, possibilitaram e possibilitam materializar sonhos que muitas vezes poderiam ser impossíveis.

Moraes (2012) corrobora dizendo também que contar histórias é a arte de brincar com as palavras e com o pensamento, diz ainda que, ouvir e contar histórias é viajar pelo mundo sem sair do lugar, é dialogar com o texto, com o autor e consigo mesmo, estabelecendo vínculos afetivos.

Batista (2007) destaca que ouvir histórias é uma atividade agradável e que é esperada pelas crianças, adolescentes [...] independentemente da idade e nível de escolarização. Coelho (1995), diz que a história não agrada só as crianças, mas pessoas de qualquer idade, quando essas gostam de viajar pelo mundo da magia, da fantasia, da aventura e da descoberta de novos horizontes, mantendo viva a criança que está dentro dela.

Cabe-nos, pois, reiterar que a arte de contar histórias traduz magia, encantamento e criatividade. Paralelamente, não podemos ignorar os movimentos que contrariam o exposto.

Coelho (1999, p.12) chama atenção para movimentos contraditórios, também presentes nos processos educativos.

[...] “há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem - se ficarem quietos, conto uma história, se isso, se aquilo... – quando o inverso que funciona. A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. (ABROMOVICH, 1997, p.18).

Partindo do pressuposto de que as contradições existem e que a maioria objetiva checar nossas convicções, não acreditamos no uso da contação de histórias, na leitura de histórias, na aprendizagem da leitura e da escrita, apenas

como pretexto. Mas como textos, situados na realidade vivida e elaborada a partir dos exercícios e vivências inerentes à cultura e às relações sociais, éticas, estéticas, educacionais, dentre outras.

De acordo com Zilberman & Lajolo (2005), os livros lidos e as histórias contadas na infância, permanecem na memória, e as lembranças sempre regressam desde que lhe possibilitemos o retorno. Coelho (1995) diz que a história não acaba quando chega ao fim, ela permanece na mente da criança, que a incorpora como um alimento da sua imaginação criadora. Diz, ainda, que atividade de contar história além de ser um ato lúdico, trabalha a emoção, socialização e a atenção dos sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, emerge a importância da leitura como uma atividade permanente, principalmente, na escola. Isso não significa negar a importância e as contribuições de diferentes espaços e lugares. Porém, isso vem ao encontro do que diz a Proposta Curricular/SC/1998, p. 36.

[...] isso significa que a escola deve intensificar no seu interior, a interação com as produções gráficas [e orais] utilizadas no meio cultural. [...] E que as interações com tais produções e suas funções, permite que a criança perceba a importância da escrita (da oralidade e da leitura) na relação com os outros, tornando-a necessária.

Sem preterir uma ou outra prática citada, a atribuição inerente ao processo de aprendizagem desejado por meio da contação de histórias e da arte de fazê-lo, é que a “Leitura [se constitua] numa atividade essencial [indispensável] a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do ser humano.” (SILVA, 2005, p.42). A prática da leitura a qual nos referimos, não se restringe apenas ao ler para obter informações. Trata-se de um processo de letramento múltiplo, perpassado pelas diferentes linguagens e possibilidades de aprendizagem.

Reiteramos a contação de histórias como indutora do desejo de ler, de escrever, das práticas de oralidade, leitura e escrita, o que contribui, sobremaneira, na ampliação do repertório formativo nas diferentes linguagens.

Se, adquirido o hábito da leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto com o seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais. (CADEMATORI, 1987, p.19 - 20)

Sempre que possível, os encontros com os livros devem ser experiências realmente ativas para as crianças. Exposições de livros na sala de aula, desenhos de livros e composições escritas sobre eles são uma adição interessante ao currículo normal (BAMBERGER, 1977, p. 69)

Trazemos para o debate, as discussões relativas à contação de histórias e/ou arte de contar histórias nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, como conteúdo e ou como estratégia de ensino, e o fizemos sob a marca da ausência e/ou o quase silenciamento dessas práticas, nas salas de aula, onde estivemos no processo de estágio curricular obrigatório. Além disso, impulsionadas pela provocação de que quem deve contar histórias é o contador profissional, sob o argumento de que nós, professores, não sabemos fazê-lo com as habilidades necessárias, como se estivéssemos voltando no tempo.

Os autores subsidiários dessa discussão reforçaram a nossa crença de que a arte de contar histórias precisa ser vivificada, retomada como possibilidade de interação e interlocução entre as gerações, entre as famílias nos diferentes segmentos societários e dentre as práticas educativas dadas às inúmeras possibilidades formativas que permitem, refazem e ou inovam.

2.1 O PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

2.1.1 Perspectivas e cuidados com a arte de contar histórias

Acreditamos que a arte de contar histórias, a contação de histórias, no âmbito escolar, de forma sistemática, enquanto conteúdo e enquanto estratégia contribua, significativamente, no processo de desenvolvimento do interesse pelas práticas de leitura e escrita junto às crianças e aos adolescentes.

Moraes (2012, p.17) destaca que “[...] o contador de história, enquanto agente, detém em suas mãos diversas decisões com relação ao processo de adaptação e ao momento de contar”. Entre as decisões destaca: o convite para entrar e descobrir a história, a constituição de um ambiente propício, a criação real e imaginária do cenário, as alterações de voz, dentre outros aspectos que caracterizam a magia e o encantamento.

[...] a leitura de uma história para a criança deverá ser realizada com todo um envolvimento emocional na história e na criança, com empatia pelo o que a história pode significar a ela. As histórias que encantam as crianças são certamente encantadoras também para os adultos que se permitem e deixam levar pela leitura. Podem ser estórias engraçadas, profundas, sentimentais ou simplesmente belas; podem ser curtas ou extensas, com muitas ou poucas ilustrações, mas devem sem sombra de dúvidas provocar emoções. (BETTHELEIM, 2002)

Conforme Batista (2007), o professor deve assumir uma postura agradável e confortável para contar sua história, isso significa, organizar as crianças de forma que todos possam encontrar o olhar do contador, estabelecendo-se um ato de cumplicidade entre o ouvinte e o contador através da história, estimular o encantamento, o gosto pela leitura e a imaginação.

A contação de história é uma forma de aproximar as crianças dos livros, principalmente, quando ela ainda não sabe ler ou está no processo de aprendizagem. Por isso, é necessária a mediação do professor, no momento da contação da história, e se essa for contada de forma a despertar o interesse do aluno, também estará desenvolvendo sua aprendizagem.

Para contar uma história, o professor deverá conhecê-la, lê-la várias vezes e, a cada leitura, ficar atento aos detalhes que passariam despercebidos na leitura feita pelo aluno. Através da contação é possível, fazer com que os alunos percebam esse detalhe, para aqueles que não sabem ler, é possível, despertar o sentimento de emoção, o encantamento, mediando o que ainda não conseguem obter sozinhos. De acordo com Sisto (2001), uma história é feita na cabeça do ouvinte pela construção de expectativas, reconhecimentos de identidade.

Ribeiro (1999) destaca que não se conta história para moralizar, doutrinar ou usá-las como material pedagógico. O professor precisa estar ciente dos diferentes benefícios que a história poderá trazer ao aluno e a si mesmo, elas permitem um envolvimento entre os sujeitos.

Quando o professor conta uma história, faz uma ponte entre o leitor e o livro. E, nessa aproximação, ele poderá utilizar-se de diferentes materiais, tais como: um fantoche, uma dobradura, fantasias dos personagens, dedoches, uma simples pedrinha, enfim, qualquer coisa que lembre o personagem ou o local onde a história se passa. Esses recursos encantam as crianças. Ratificando isso, Oliveira (2009) aponta que esses materiais podem ajudar o professor nessa aproximação do aluno com o livro. Para formar um leitor, não basta apresentá-lo ao livro, é preciso cultivar desde cedo o hábito de ler e, depois, cuidar para não fazer da leitura uma cobrança avaliativa que aos poucos faz com que a criança perca o interesse pelos livros.

Tahan (1966) também destaca que o professor deve ter alguns cuidados durante a contação de história, como falar de forma adequada, clara e agradável, não se irritar com os alunos que são mais agitados, olhar para a plateia, distribuir olhares para todos os ouvintes, fazer entonações diferentes na voz no decorrer da

contação, usar pausas durante a história, explorar o silêncio, o movimento das palavras e evitar movimentos repetitivos.

Ante as contribuições do autor, retomamos os compromissos com a constituição do desejo de ler e de ouvir histórias, os quais podem e devem ser protagonizadas pelo professor e pela criança, num exercício de cumplicidade entre ambos, em todos os exercícios de interlocução efetuados nas diferentes linguagens e simbologias constitutivas da imaginação, da criatividade e das demais habilidades cognitivas envolvidas no processo educativo, particularizado na alfabetização.

3. METODOLOGIA DO ESTUDO

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa do tipo “estado do conhecimento e/ou, estado da arte”, com suporte bibliográfico. Pesquisa essa que, segundo Ferreira (2002), tem contribuído no sentido de propiciar a circulação e o intercâmbio do que já foi construído e, desse modo, contribuir com o que está por construir, otimizando a pesquisa nos seus diversos aspectos. Em razão disso, ao focar a produção nacional sobre a arte de contar histórias nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, buscamos explicitar as principais características e contribuições dessas produções, quer para as práticas docentes necessárias à alfabetização, quer para a formação de leitores.

Romanowski e Ens (2006) destacam que a realização destes balanços, indicam as contribuições da pesquisa, Soares e Maciel (2000) destacam que as teses e dissertações são relevantes enquanto exercícios investigativos que alcançam seus propósitos acadêmicos: contribuem no processo de formação de novos pesquisadores.

Os dados foram buscados em duas fontes: O banco de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) no sítio <http://bancodeteses.capes.gov.br>, e a base eletrônica do IBITC (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia). Inicialmente, planejamos acessar apenas o banco de teses e dissertação da CAPES, no entanto, dada à dificuldade de acesso e à desatualização dessa base, optamos pelo IBITC (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia). Nossas expressões de busca, definidas a priori, foram: “a

arte de contar história nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, “a contação de história nos Anos Iniciais”.

O recorte temporal dessa busca deu-se de 2000 a 2016 e o levantamento dessa produção deu-se no período de janeiro a abril de 2016.

Feita a organização dos dados via tabela, nos quais situamos a região de procedência dos estudos, as universidades, a quantidade de trabalhos e os seus pesquisadores, agrupamos os estudos em categorias de acordo com as contribuições teórico/metodológicas que emergiram dos estudos por meio das contribuições da Análise de Conteúdo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES QUE EMERGEM DOS ESTUDOS LOCALIZADOS

De acordo com os objetivos desse estudo, definidos na organização do projeto de pesquisa, localizamos poucos trabalhos atentos à temática dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o que nos provocou inquietude. As tabelas a seguir mostram a distribuição de trabalhos disponíveis e localizados a partir das expressões de busca definidas.

Inicialmente, apresentamos as instituições, regiões e pesquisadores atentos à temática/problemática em tela.

4.1 REGIÕES, INSTITUIÇÕES, TEMÁTICAS E PESQUISADORES.

4.4.1 Regiões de procedência dos estudos

Procedência dos estudos por região do país	
Sul	6
Sudeste	3
Centro-oeste	1

Fonte: Quadro elaborado pelas pesquisadoras, amparadas nos estudos catalogados. 04/2016.

Quanto às regiões de procedência, destacamos a região Sul com seis publicações, e a região Sudeste com três e Centro-Oeste com uma publicação, totalizando dez trabalhos.

4.4.2. Instituições, ano de publicação e quantidade de publicações

INSTITUIÇÃO	2009	2010	2011	2012	2014	Nº
Campinas – SP	—	—	1	—	—	1
UEL – PR	—	—	1	—	—	1
UPF – RS	—	—	2	—	—	2
UNB – Instituto de Letras	1	—	—	—	—	1
UNESP – Presidente Prudente	—	—	—	—	1	1
UFRGS	—	1	1	1	—	3
PUC – RJ	—	1	—	—	—	1
TOTAL:						10

Fonte: Quadro elaborado pelas pesquisadoras, amparadas nos estudos catalogados. 04/2016

A tabela acima mostra quais as instituições tiveram publicações nos últimos anos. Coube destaque à UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) com três, sendo nos anos de 2009, 2010 e 2011, e à UPF (Universidade de Passo Fundo) também do Rio Grande do Sul com duas publicações, ambas em 2011. As demais instituições citadas tiveram apenas uma publicação cada referente à temática.

4.4.3 Descrição dos temas e modalidades (Instituição e ano)

TÍTULOS	MODALIDADE	INSTITUIÇÃO	ANO
Palavra, Corpo e presença: A arte do professor contador de histórias.	Dissertação	CAMPINAS – SP	2011
Contação de Histórias: Um caminho para a formação de leitores	Dissertação	UEL - PR	2011
Em busca de leitores no contexto da escola	Dissertação	UPF - RS	2014
A arte de contar histórias e a formação de novos leitores em múltiplos suportes	Dissertação	UPF - RS	2011
Do sabor de contar histórias ao saber sobre a história para o ouvinte: estudo sobre a contribuição da contação de histórias ao desenvolvimento do pensamento na criança	Dissertação	UFRGS	2011
A literatura na Escola: Prazer na formação do gosto. Experiência em leitura com alunos do Ensino Fundamental	Dissertação	UNB - Instituto de Letras	2009
Era uma vez... A contação de história no universo labotiano: contribuições para a formação do leitor.	Dissertação	PUC - RJ	2010
Quem conta um conto: o amor como encontro na contação de história.	Dissertação	UFRGS	2012
A hora do conto no cotidiano escolar: reflexões sobre o ler e contar na rotina de duas professoras dos anos iniciais	Dissertação	UNESP-Campus Presidente Prudente	2014
A contação de histórias na constituição de	TCC	UFRGS	2011

autoria: papel & parceria.

Fonte: Quadro elaborado pelas pesquisadoras, amparadas nos estudos catalogados. 04/2016

A tabela acima descreve, nominalmente, os trabalhos e os situa quanto a sua modalidade acadêmica.

4.4.4 Pesquisadores e autores subsidiários dos estudos

Pesquisadores	Tema de Estudo	Autores Subsidiários
Ana Cristina Baggio	Em busca de leitores no contexto da escola.	Silva, Cademartori, Abreu, Lajolo, Zilberman, Carvalho.
Fernanda Rodrigues Campos	A contação de histórias na constituição de autoria: Papel & parceria.	Abromovich, Antunes, Barbosa, Benjamin, Coelho, Soares,
Jucelma Terezinha Neves Schneid	A arte de contar histórias e a formação de novos leitores em múltiplos suportes.	Benjamin, Busato, Oliveira, Sisto, Machado, Matos.
Lívia Rodrigues Pinheiro Leiria	Palavra, Corpo e presença: A arte do professor contador de histórias.	Rocha, Benjamin, Coelho, Fontana, Busatto.
Luciene Rivoire	Quem conta um conto: o amor como encontro na contação de história.	Almeida, Benjamin, Meireles.
Márcia Milena Soares de Souza	Era uma vez... A contação de história no universo labotiano: contribuições para a formação do leitor.	Lobato, Abromovich, Batista, Benjamin, Coelho, Busatto, Filho, Freire, Ferreira, Meireles, Silva, Sisto.
Marileide Alvez Rocha Souza	A literatura na Escola: Prazer na formação do gosto. Experiência em leitura com alunos do Ensino Fundamental.	Abramovich, Arroyo, Benjamin, Bussato, Bamberger, Bettelheim, Meireles, Silva, Soares, Zilberman
Simone Fátima Halabura Follador	Do sabor de contar histórias ao saber sobre a história para o ouvinte: estudo sobre a contribuição da contação de histórias ao desenvolvimento do pensamento na criança.	Benjamin, Busato, Cascudo, Oliveira, Souza, Busatto, Lobato, Follador.
Ana Cláudia Ramos	Contação de Histórias: Um caminho para a formação de leitores.	Abromovich, Batista, Benjamin, Bordieu, Busatto, Coelho, Freire, Moraes, Ribeiro, Silva, Soares, Sisto, Zilberman
Valéria Santos da Silva	A hora do conto no cotidiano escolar: reflexões sobre o ler e contar na rotina de duas professoras dos anos iniciais.	Benjamin, Brasil, Busatto, Coelho, Lajolo, Lobato, Matos, Silva, Sisto.

Fonte: Quadro elaborado pelas pesquisadoras, amparadas nos estudos catalogados. 04/2016

Ao apresentarmos os pesquisadores, seus estudos e os autores subsidiários, identificamos que em 100% dos trabalhos há a presença do autor Walter Benjamin. O referido autor é um defensor do professor como mediador essencial, na arte, no processo de contação de histórias. Referencia a magia, técnica, a arte e magia deste fazer. Identificamos também outros destaques, quanto aos autores, tais como: Abromovich e Bussato por destacarem que a contação de história contribui para o desenvolvimento da linguagem e formação dos futuros leitores. Além disso, salientam que a contação de histórias traz inúmeras possibilidades para a criança compreender a realidade na qual está inserida. Além dos destaques efetuados pela regularidade e permanência como subsidiários do estudo, não podemos deixar de citar outros, também atentos à busca efetuada.

4.4.5 Cursos e programas de pós-graduação atentos à temática/problemática

CURSOS E PROGRAMAS ATENTOS A TEMÁTICA	PUBLICAÇÕES
LETRAS	5
ARTES CÊNICAS	1
EDUCAÇÃO	4

Fonte: Quadro elaborado pelas pesquisadoras, amparadas nos estudos catalogados. 04/2016.

A tabela acima mostra que são poucos os programas e áreas atentas, preocupadas com o tema a contação, com arte de contar histórias nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A área que revela maior interesse, de acordo com os dados, é Letras com cinco estudos, seguida o Programa de Mestrado em Educação com quatro trabalhos e o Programa de Artes Cênicas com um estudo.

5 ELEMENTOS FORMATIVOS INERENTES AOS ESTUDOS ACESSADOS: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

5.1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO CONTEÚDO/ESTRATÉGIA E SUA PRESENÇA NA SALA DE AULA

Entre as ocupações inerentes às pesquisas acessadas⁷, apenas Silva (2014)⁸ revelou-se atenta para uma questão fundamental no processo educativo: o papel do planejamento da arte de contar histórias e da sua presença efetiva no processo educativo. A autora da pesquisa dá destaque à contação como estratégia, à leitura e à escuta como conteúdos necessários às crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Isso posto, chama atenção para algo que requer atenção no cotidiano da sala de aula. Por que contamos histórias? Por que e para que lemos? Como selecionamos as leituras e as histórias a serem contadas às crianças? Essas e outras perguntas chamam atenção da e para as implicações das nossas escolhas, que muitas vezes se revezam entre a rigidez, a provisoriedade e a improvisação, dentre outras. A autora ainda aborda que quando a história é escolhida sem um planejamento, não se concretiza a contação de história, mas sim a leitura do texto, cujo objetivo é apenas repassar informações, que pouco instiga e motiva as crianças.

Reforçando o que fora dito por Batista (2007), Silva (2014), chama atenção para a necessidade de organização do espaço educativo. Diz que é preciso, tornar o lugar aconchegante, fazendo rodas onde o professor possa estar na mesma altura dos alunos, usar diferentes materiais, tais como: fantoches, dedoches, fazer alterações na voz, fazer um suspense no decorrer da história, permitir que os alunos interroguem, participem ativamente da história, e o principal ponto abordado por ela é que o professor precisa gostar de ler, de fazer o que faz.

Coelho (1995) diz também que a escolha de uma boa história, passa pela adequação à faixa-etária e aos interesses dos ouvintes. Outro cuidado tem a ver com a extensão da história, visto que o tamanho da narrativa, cansa, desmobiliza a criança. Isso posto, reforça a questão já enfatizada: o planejamento da ação. Para Silva (2014), quando o professor gosta de ler histórias, ele instiga e incentiva os alunos a serem leitores. Diz ainda, amparada em sua pesquisa, que muitos professores acreditam que não sabem de fato contar histórias e, que para a realização da prática é preciso possuir habilidades específicas ou até mesmo um “dom”, por isso muitas vezes deixam de trabalhar com esta importante ferramenta.

⁷ Os estudos localizados e catalogados neste exercício, também aparecem em nota de rodapé, por constarem como referências no estudo.

⁸ - SILVA, Valéria Santos da. **A hora do conto no cotidiano escolar: reflexões sobre o ler e contar na rotina de duas professoras dos anos iniciais**. Dissertação de Mestrado. Presidente Prudente: 2014, 169f.

5.2 A APRENDIZAGEM DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO INICIAL E FORMAÇÃO CONTINUADA

Entre os estudos mapeados, Leiria (2011)⁹, Souza (2010)¹⁰, Rivoire (2012)¹¹, situamos uma preocupação fundamental: a formação continuada tendo em vista a sensibilização constante do professor para o trabalho com a contação de histórias e com a leitura, com o conhecimento das obras literárias e dos seus autores e com as relações que perpassam a arte de contar histórias.

Segundo Leiria (2011), a prática de contar histórias em sala de aula, requer regularidade e permanência. Trata-se de uma atividade formativa, necessária à institucionalização do gosto pelo ouvir, do participar da roda de contação que está sendo esquecido e ou silenciado. De acordo com a pesquisadora, a aprendizagem desta arte está implicada no compromisso do aprender em contínuo, de se comprometer com o exercício desejado.

O estudo em análise destaca a necessidade de aprimoramento na arte de contar histórias, visto a necessidade de mobilização constante das crianças, num contexto altamente persuasivo e tecnológico. Diz que se faz necessária a demanda por novas técnicas, por novos referenciais com formação específica.

Nessa mesma linha de raciocínio, Rivoire (2012) dá destaque à importância do professor buscar alternativas diferentes para induzir as crianças a gostarem de ler, não de fazer da contação algo rígido, de qualquer forma, buscar no seu interior contribuições vivenciadas no seu dia-a-dia. Contar história é isso, é contagiar a criança, é apropriar-se da história, é reconstruí-la a partir da sua realidade e vivências.

À ênfase sobre o discutido, recai sobre o papel do professor. Souza (2010), diz que o contador de histórias, o professor, é um sujeito formador de futuros leitores, e que nessa condição, precisa aguçar a imaginação, a fantasia, e que é

⁹ LEIRIA, Livia Rodrigues Pinheiro. **Palavra, corpo e presença: a arte do professor contador de histórias**. Dissertação de Mestrado. Campinas – SP: 2011, 89f.

¹⁰ SOUZA, Márcia Milena Soares de. **Era uma vez... A contação de história no universo labotiano: contribuições para a formação do leitor**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro – RJ, 2010.

¹¹ RIVOIRE, Luciene. **Quem conta um conto: o amor como encontro na contação de história**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre – RS, 2012, 111f.

através das histórias, que o estudante participa, aprende e desenvolve a capacidade de reconstruir a história, tornando-se protagonista. O gosto pela leitura só será formado quando o professor conseguir ser a ponte de ligação entre o texto e o leitor.

5.3 CAMINHOS POSSÍVEIS À CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Ramos (2011)¹² apresenta a narrativa oral como um caminho possível de mobilização para as práticas de leitura e de contação de histórias. Estaria este caminho em crise, dada a individualização do uso dos recursos tecnológicos? Schneid (2011)¹³ destaca que atualmente existem diferentes recursos tecnológicos, sendo assim o ato de contar histórias passou a ser difundido de diferentes maneiras, mas, no entanto ainda é muito apreciado no que se refere aos gestos, às expressões faciais, aos tons da voz, às mudanças por isso, a arte de contar histórias vem sendo retomada e, junto a figura do contador tradicional e do profissional contador também.

A autora ainda evidencia que são os contadores profissionais que têm contribuído com a manutenção do desejo de contar histórias, porém diz que o contador é o sujeito que não estabelece vínculo com as crianças e ou adolescentes, e que é o professor, que precisa ocupar esse espaço cotidianamente.

Reafirmando o que fora dito por Moraes (2012) e Batista (2007), a autora diz que as histórias contadas possibilitam ao ser humano infinitas oportunidades, abrem a mente para novos horizontes, estimulam a criatividade e educam as pessoas para ouvir, para a escuta, habilidades necessárias às diferentes elaborações cognitivas.

Follador (2011)¹⁴ diz que a arte de contar histórias contribui na construção e nas elaborações do pensamento da criança, e que através da história, é possível o ouvinte criar e recriar novos sentidos, conforme suas necessidades e experiências vivenciadas. Através da leitura, o aluno consegue entender e explicar o que

¹² RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** Dissertação em Mestrado, Londrina, 2011, 133f.

¹³ SCHNEID, Jucelma Terezinha Neves. **A arte de contar histórias e a formação de novos leitores em múltiplos suportes.** Dissertação de Mestrado. Passo Fundo – RS, 2011, 96f.

¹⁴ FOLLADER, Simone Fátima Halabura. **Do sabor de contar histórias ao saber sobre a história para o ouvinte: estudo sobre a contribuição da contação de histórias ao desenvolvimento do pensamento na criança.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre – RS, 2011, 105f.

acontece a sua volta, desde que no momento da contação de história, o professor consiga fazer a aproximação da criança com o texto, ou seja, desde que o professor consiga fazer com que o aluno entenda essa leitura/contação como um instrumento de reflexão e compreensão da realidade.

Campos (2011)¹⁵ apresenta a contação em sala de aula como promotora de aprendizagem e de aprendizagem em si, reitera aspectos tais como: a interação e a interlocução entre contador e ouvinte, a ativação do ato criador e a criatura, o diálogo e a sintonia entre ambos, como condição para tornar a aprendizagem significativa.

De acordo com Vygotsky (1987), desde que nascemos, interagimos com os outros, incorporamos, ativamente, os signos e assim vamos aprimorando nossos conceitos e conhecimentos. Nesse sentido, acreditamos, que quanto mais histórias as crianças ouvirem e quanto mais interagirem com o adulto, melhor será para o seu desenvolvimento, pois é na interação com o outro que ela irá aprender e se desenvolver.

Reafirmando o pensamento de Cadematori (1987), Souza (2009)¹⁶ afirma que, quando a criança lê por prazer, essa leitura auxilia no seu desenvolvimento das funções psicológicas superiores e no desenvolvimento do pensamento abstrato. Pela leitura e pela contação de história, é possível se conhecer e aprender os conteúdos do ensino, é possível entender o mundo a sua volta, é uma forma divertida e prazerosa da criança ter a aquisição do conhecimento.

O que faz sentido destacar, é que cada um dos trabalhos acessados e catalogados por este estudo, apresentam, em consonância com os autores que fundamentam a base teórica desse, a importância da narrativa, da leitura, da arte de contar histórias, da magia, da criatividade, como exercício(s) relacional(is), de comunicação e de formação de habilidades humanas. O destaque advém que, mesmo na era da tecnologia da informação e da inserção de novos e diferenciados recursos, a velha e boa comunicação visual, gestual, simbólica, oral, gráfica, não é, nem será preterida, dadas às possibilidades que dela advêm. Cabe-nos na condição

¹⁵ CAMPOS, Fernanda Rodrigues. **A Contação De Histórias Na Constituição De Autoria: Papel & Parceria**. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre – RS, 2011, 65f.

¹⁶ SOUZA, Marileide Alvez Rocha. **A literatura na Escola: Pazer na formação do gosto. Experiência em leitura com alunos do Ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado. Brasília, 2009, 94f.

de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental garantir esta interlocução na interface com as demais correlações formativas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo, analisar o que se produz em relação à arte de contar histórias nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para produzirmos um quadro sinóptico dessa produção. Ao analisar o que se produz/produziu, deparamo-nos com possibilidades e reflexões capazes de ressignificar a compreensão desse conteúdo/estratégia de ensino e de aprendizagem.

Vale destacar que, o baixo número de produções, é um indicador da força deste trabalho. Dado o recorte temporal efetuado, com os descritores da busca estabelecidos, ainda assim, destacamos a importância desse exercício de pesquisa e de releitura de uma realidade observada em sala de aula e experienciada de outra forma por essa busca. As leituras que fizemos, na constituição da proposta e em decorrência dela, permitem-nos afirmar que a prática de contar histórias não é uma atividade simples e aleatória necessária apenas à ocupação do tempo, aqui, particularizada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Constituiu-se, pois numa atividade formativa, necessária à constituição do desejo de ler, de ouvir histórias, de narrar histórias dos outros e suas próprias histórias, de escrevê-las e reescrevê-las com regularidade e permanência, como, indiscutivelmente, necessárias às crianças, adolescentes, jovens e adultos e, principalmente, aos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse aspecto, retomamos Silva (2006), por consubstanciar a reflexão posta, quando afirma que é papel da(s) escola(s) oferecer(em) espaços para que ocorra o encontro entre o aluno/leitor e o livro, entre a magia e a imaginação, entre criador e criatura, entre encantos e desencantos, de modo que, esses espaços e possibilidades possam ser promotores de situações agradáveis de leitura, para a leitura e a constituição desta estratégia mágica de aprender e ensinar, contanto, ouvindo e criando histórias:

ABSTRACT

This "state of the art" related study purposed to seek and give visibility to what is

produced in undergraduate and graduate schools about the art of storytelling in the Elementary School early years. This is a scientific initiation exercise, demanded a undergraduate thesis (Work Completion of course) of the Pedagogy Course. The factor that triggered this study was a strange absence of the exercise of storytelling, as content and as a teaching strategy during the Pedagogy Course traineeship. In addition to the purpose mentioned above, to analyze the national production on the art of storytelling in the Early Years of elementary school were objectives of this exercise, with the intention of producing an analytical framework, with the necessary highlights for the training of literacy teachers, moreover, we gave rise to identify regions, institutions and restless researchers at the theme. Methodologically, it is a survey of the "state of knowledge" with bibliographic support, according to Ferreira (2002), it contributes towards providing the circulation and exchange of what has been built and thus contribute what is building, optimizing research in its various aspects. As search criteria, previously defined the expressions: "the art of storytelling in the early years of elementary school", "the storytelling in the Early Years". Our sources were the site of CAPES (Higher Education Personnel Improvement Coordination): <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses> , and the electronic base of IBICT [1] - Brazilian Institute of Information in Science and Technology. This cataloging occurred in the period from January to April 2016 in the time frame 2000-2016. As results of this study we highlight the low amount of contributions focused on the art of storytelling for the Early Years of Elementary School. Beforehand, we emphasize that this is a strategy / content understudied and it demands the mobilization of Early Years teachers' and researchers at the relevant topic. Even though we have located the fragility of this commitment at the Graduate Programs and Lato Sensu Stricto, nevertheless we found the absence of this possibility in the classroom, on the grounds that children will no longer want to hear stories. However, what we see through the accessed work, is that this claim it is actually a lack of preparation for the exercise of storytelling. This unpreparedness is understood as a specific professional demand, reason with which we don't condone because we understand the demands of storytelling as content and as a teaching and learning strategy.

Keywords: The Art of Storytelling. Elementary School Early Years. Teacher training.

RESUMEN

Este estudio del tipo "estado de la arte" tiene la intención de buscar y dar visibilidad al que se produce en cursos de graduación y pos graduación acerca del arte de contar historias en los Años Iniciales de la Enseñanza Fundamental. Trata-se de un ejercicio de iniciación científica, demandado como TCC (Trabajo de Conclusión de

Curso) del Curso de Pedagogía. La intención de este estudio fue la ausencia del ejercicio de la narración de historias, como contenido y como estrategia de enseñanza durante la etapa curricular del Curso de Pedagogía. Además del propósito ya citado, fueran objetivos de este ejercicio analizar la producción nacional del arte de contar historia en los Años Iniciales de la Enseñanza Fundamental, con la intención de producir un cuadro analítico, con destaques necesarios a la formación de profesor alfabetizador, además de eso, buscamos identificar las regiones, las instituciones y los investigadores inquietos a la temática. Metodológicamente, trata-se de una pesquisa del tipo “estado del conocimiento” con soporte bibliográfico que, de acuerdo con Ferreira (2002), contribuyo en el sentido de propiciar la circulación y el intercambio de lo que ya fue construido y, de este modo, contribuye con lo que está por construir, optimizando la pesquisa en sus diversos aspectos. Como criterios de la búsqueda, definimos previamente las expresiones: “el arte de contar historia en los Años Iniciales de la Enseñanza Fundamental”, “la narración de historia en los Años Iniciales”. Nuestra búsqueda fue en el sitio de la CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior): <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>, y la base electrónica del IBICT¹⁷ - Instituto Brasileiro de Información en Ciencia y Tecnología. A presente catalogación se dio en el período de enero a abril de 2016 en el recorte temporal de 2000 a 2016. Como resultados de este estudio, destacamos la baja cantidad de contribuciones enfocadas en el arte de contar historias para los Años Iniciales de la Enseñanza Fundamental. De antemano, resaltamos tratar-se de una estrategia/contenido poco estudiado y que demanda movilización de los profesores de los Años Iniciales y de los investigadores del tema abordado. A pesar de que tengamos situado la fragilidad de este compromiso junto al Programas de Pos graduación Lato y Stricto Sensu, no obstante verificamos la ausencia de esta posibilidad en la habitación de clase, bajo la alegación de que los niños no quieren más oír historias. Con todo, lo que constatamos por medio de los trabajos investigados, es que esa alegación trata-se, en verdad, de una falta de preparación para el ejercicio de contar historias. Tal falta es entendida como demanda de profesionalización específica, razones con la cual no estamos de acuerdo, pues comprendemos la demanda de la narración de historias como contenido y como estrategia de enseñanza y aprendizaje.

Palabras clave: El Arte de Contar Historias. Años Iniciales de la Enseñanza Fundamental. Formación de Profesores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ARIÉS, P. A família. In: _____. **Historia social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaskman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1981. p. 131-190.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

BATISTA, Cleide Vitor Mussini. **Hora do conto**: um espaço para brincar com as palavras. In. Trabalho pedagógico na educação infantil. Londrina: Humanidades 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/98)**. Brasília, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2002.

CADEMATORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COELHO, Betty. **Contar história**: uma arte sem idade. 10ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

LURIA, A.R. **Desenvolvimento Cognitivo**. 6ª ed. São Paulo: Ícone, 2010.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias**: a arte de brincar com as palavras. Petrópolis – RJ: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Dinâmicas em literatura infantil**. 13ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

OLIVEIRA, Maria Cruz de. **Da leitura intensiva apresentada por Roger Chartier à leitura de memória defendida por Telma Weisz**. Ano, n.1. Jussara, GO: UEG, 2008.

RIBEIRO, Jonas. **Ouvidos Dourados**: arte de ouvir histórias para depois contá-las. São Paulo. Ed. Ave Maria 1999.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação**. Diálogo Educacional (PUCPR), v. 6, p. 37-50, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, J.R. **A hora do conto na escola: paradoxos e desafios**. In: BARROS, M. H.T.C.; SILVA, R. J.; BORTOLIN, S. *Leitura: mediação e mediador*. São Paulo: Ed. FA, 2006.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SOARES, M. B.; MACIEL, F. **Alfabetização**. Brasília-DF: MEC/INEP/COMPED. 2000. (Série Estado do Conhecimento nº. 1). Disponível em: www.mec.gov.br/inep/publicacoes. Acesso em: 05 abr. 2007

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.